

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia**

ADRIANA EIDT

PENSANDO A FOTOETNOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA
OFICINA DE COMPOSTAGEM REALIZADA EM IRANDUBA/AM PELO
PROJETO REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS, DE FLORIANÓPOLIS/SC

Florianópolis
2020

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia**

ADRIANA EIDT

PENSANDO A FOTOETNOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA
OFICINA DE COMPOSTAGEM REALIZADA EM IRANDUBA/AM PELO
PROJETO REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS, DE FLORIANÓPOLIS/SC.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca
para a obtenção do Grau de bacharel em
Antropologia pela Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carmen Silvia Rial.

Florianópolis
2020

AGRADECIMENTOS

Se existe uma palavra que sempre esteve presente durante toda minha graduação é gratidão. Sou grata por todo conhecimento adquirido nesses anos que fui aluna do curso de antropologia da UFSC, assim como por aqueles que me passaram esse conhecimento. Aos meus professores desse período: Alberto Groisman, Alícia Norma Gonzáles de Castells, Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Edviges Marta Ioris, Ilka Boaventura Leite, Leticia Maria Costa da Nóbrega Miriam Pillar Grossi, Rafael José de Menezes Bastos, Rafael Victorino Devos, Scott Correll Head, Sônia Weidner Maluf, Vânia Zikán Cardoso. Aos funcionários da secretaria da antropologia, sempre atenciosos e dispostos, Mariana, João Sol e Éder. Aos colegas de curso, Ana Regina Walther, João Carlos C. Neto, Mauro Costa, e à Maria Octavia Nóbrega que foi a principal companhia em excursões etílicas pós aulas. Gostaria de agradecer à minha família, mesmo não entendendo o que estuda um antropólogo sempre procurou incentivar, e principalmente à minha mãe Rita Fedon, que além de me gerar me mostra diariamente que vale a pena viver com alegria e leveza.

Agradeço a todos os amigos que de certa forma ajudaram nesse processo, as membros minha banda da adolescência Afrodites Camila Simões Pires Pacheco, pelas conversas antropológicas e parceria para a vida, Mariana Leote, Lis Segala, e Heleninha Domingues, que juntamente com seu marido Ricardo, foram presentes nesse último ano de graduação, me apoiando e auxiliando.

Agradeço também aos amigos do Rio Vermelho, Raíza e Vera Sartori, que sempre estiveram ao meu lado cedendo sua casa para estudar, sem contar da amizade que tenho por ambas. À Débora Closs, Carmen Lúcia Batista, Rodolfo Politano, Luciana Bueno, Suzi Nascimento.

Aos meus amigos de Porto Alegre que estiveram presentes durante a mobilidade que fiz à UFRGS em 2014, Rejane Aretz, Juliane Flores, Letícia Maria, Liliana Amaral, que posteriormente foi crucial na mudança do meu objeto de campo, e sempre me apoiou no meio acadêmico, o que estudarei no mestrado devo a você! Também a Kate Lima, uma amizade feita durante a mobilidade que a vida trouxe para ficar. E aos colegas da UFRGS, agradeço ao acolhimento no Núcleo Navisual, principalmente à professora Cornélia Eckert.

Á Cíntia, uma pessoa incrível e guerreira que tive o privilégio de conviver nos dias da oficina, que com muita luta e disposição está a frente da Revolução dos Baldinhos, sempre com um sorriso no rosto.

E finalmente, agradeço imensamente a minha orientadora Carmen Silvia Rial, por ter me acolhido todos esses anos no NAVI, ter tido paciência e sempre passando conhecimento que levarei para o mestrado e para a vida. Também a todos que conheci durante o período que estive no NAVI, a primeira a me receber foi a professora Rosário Leitão, que encontrarei em Recife para os estudos de pós graduação. Aos colegas Yuri, Alex Valaiti, que será meu próximo orientador, Kamila Schneider, Luciane Hellebrant, Carla Rocha, pelo apoio e puxadas de orelha, Cristian Cajé, pelos momentos dentro e fora da academia, e principalmente a Caroline Soares e sua família, que sempre me deram força em todos os momentos e que guardo pra sempre no meu coração como uma segunda família.

RESUMO

Partindo de uma etnografia realizada dentro do projeto “Avaliação de Tecnologia Social - O Programa Revolução dos Baldinhos e a replicação da gestão comunitária de resíduos orgânicos em comunidades de Florianópolis e Iranduba (AM)”, aprovada pelo programa CNPq/MCTIC/MDS no. 36/2018, a presente monografia pretende analisar como a fotoetnografia foi inserida no trabalho de campo durante uma viagem realizada a Iranduba/ Manaus, para acompanhar uma oficina de compostagem realizada pelo projeto Revolução dos Baldinhos, de Florianópolis.

Palavras chaves: Antropologia Visual, fotografia, etnografia.

ABSTRACT

Based on an ethnography carried out within the project “Avaliação de Tecnologia Social - O Programa Revolução dos Baldinhos e a replicação da gestão comunitária de resíduos orgânicos em comunidades de Florianópolis e Iranduba (AM)”, approved by the CNPq / MCTIC / MDS no. 36/2018, the present monograph intends to analyze how photoethnography was inserted in the field work during a trip to Iranduba / Manaus, to accompany a composting workshop carried out by the project Revolução dos Baldinhos, in Florianópolis.

Keywords: Visual Anthropology, photography, ethnography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig. 1:** Fachada da escola
- Fig. 2:** Placa da escola, como nome Chico Mendes
- Fig. 3:** Rio Solimões
- Fig. 4:** Palestra no período da manhã
- Fig. 5:** Oficina no período da tarde
- Fig. 6:** Terreno antes da limpeza
- Fig. 7:** Cíntia preparando a horta
- Fig. 8:** Crianças pintando a tampa da caixa d'água
- Fig. 9:** Crianças pintando a caixa d'água
- Fig. 10:** Pinturas na parede
- Fig. 11:** Cíntia escrevendo “Compostagem na escola”
- Fig. 12:** Professor Edinho e Cíntia fazendo furos na caixa d'água
- Fig. 13:** Inserindo a torneira
- Fig. 14:** Trabalho conjunto
- Fig. 15:** Crianças finalizando a parede
- Fig. 16:** Terreno limpo e caixa d'água no local escolhido
- Fig. 17:** Preparando material interno da composteira
- Fig. 18:** Composteira com os materiais estruturantes
- Fig. 19:** Cíntia colocando os materiais
- Fig. 20:** Com os resíduos orgânicos
- Fig. 21:** Resíduos orgânicos sendo depositados pelo professor Edinho
- Fig. 22:** Colocando a palha
- Fig. 23:** À direita a bananeira plantada e no fundo a composteira, como ficou.
- Fig. 24:** Resultado visto de outro ângulo, com hortinha ao fundo à direita
- Fig. 25:** Participantes da empreitada
- Fig. 26:** Uma das tentativas de clarear a imagem, sem sucesso
- Fig. 27:** Lago do Limão
- Fig. 28:** Momento que chegamos na escola
- Fig. 29:** Um dos cartazes da escola, orientando sobre a mosca da carambola
- Fig. 30:** Cíntia conversando com os alunos
- Fig. 31:** Cíntia fazendo *selfie* com alunos da escola
- Fig. 32:** Momento de descanso e refrescamento entre trabalhos
- Fig. 33:** Cíntia fotografando terreno usado para colocar a composteira
- Fig. 34:** Camila fazendo desenhos na caixa d'água que virará a composteira, juntamente com as crianças
- Fig. 35:** Cíntia fazendo desenhos na caixa d'água com as crianças
- Fig. 36:** Caixa d'água secando após ser pintada por várias mãos
- Fig. 37:** Garoto que fez várias pinturas nessa parede
- Fig. 38:** Momento que mostro para a menina como saiam as imagens. Imagem: Camila
- Fig. 39:** Momento captado pela colega Camila, onde fotografo Cíntia fazendo a hortinha.
- Fig. 40:** Entrevista realizada com o professor Edinho
- Fig. 41:** Professor Edinho alimentando a composteira, foto enviada via whatsapp
Dez. 2019
- Fig. 42:** Crianças observando a saída do líquido da composteira, imagem enviada
Via whatsapp pelo professor Edinho, DEZ. 2019
- Anexo 1:** Antropóloga em campo. Imagem: Camila Garcia Iribarrem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CAPÍTULO 1: O MOMENTO DO ANTROPÓLOGO EM CAMPO: DESCRIÇÃO DENSA.....	13
3. CAPÍTULO 2: ANTROPOLOGIA VISUAL E METODOLOGIAS: PERCEPÇÕES E OLHARES.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5. ANEXO 1	53
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é um trabalho etnográfico realizado durante uma pesquisa no projeto intitulado “Avaliação de Tecnologia Social - O Programa Revolução dos Baldinhos e a replicação da gestão comunitária de resíduos orgânicos em comunidades de Florianópolis e Iranduba (AM)”, aprovada pelo programa CNPq/MCTIC/MDS no. 36/2018, vigente de março de 2019 até dezembro de 2020. Esse projeto teve como intuito a avaliação da ampliação/replicação do modelo de Tecnologia Social de gestão comunitária de resíduos orgânicos do Projeto Revolução dos Baldinhos (PRB), que é desenvolvido na comunidade Chico Mendes, em Florianópolis. Entre os objetivos levantados na avaliação está a análise do processo de sensibilização¹ dos moradores. Para desenvolver essa pesquisa foi utilizado o método etnográfico de observação participante e de descrição densa (GEERTZ, apud RIAL, 2018) das experiências obtidas em trabalho de campo. Participaram nesse projeto a equipe da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis, composta pela professora Dra. Carmen Silvia Rial, coordenadora, a pós-doutoranda Caroline Soares de Almeida, subcoordenadora, a estudante de graduação em Ciências Sociais Amanda Bouvié, as estudantes de graduação em Antropologia Adriana Eidt e Caroline Mariga; a equipe da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Manaus composta pela professora Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, coordenadora da equipe, as doutorandas em Antropologia Lourdes de Fátima Moraes de Sousa Saldanha e Camila Garcia Iribarrem, e a mestranda em Antropologia Samile Magalhães Pereira; como colabora técnica da Revolução dos Baldinhos, a coordenadora Cintia Aldaci da Cruz.

1.1 LOCAIS DO PROJETO

1.2 A REVOLUÇÃO EM FLORIANÓPOLIS

Florianópolis, capital de Santa Catarina, é uma cidade com cerca de 461.524 habitantes, sendo 12.707 deles localizados no bairro Monte Cristo segundo o último censo, de 2010. O Projeto estudado na Avaliação de Tecnologia Social, a Revolução

¹ A sensibilização é realizada por agentes comunitários voluntários que fazem visitas periódicas nas casas da comunidade. Busca-se, assim, identificar as demandas e compreender as lógicas e morais que permeiam as noções de afeto e solidariedade locais. A partir desse reconhecimento é que os voluntários introduzem a educação ambiental.

dos Baldinhos, surgiu de uma ação integrada entre as/os moradores da comunidade do Chico Mendes/Monte Cristo (Florianópolis/SC), o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO/UFSC) e a Autarquia de Melhoramentos da Capital (COMCAP/PMF). Foi criado na comunidade Chico Mendes, no bairro Monte Cristo em Florianópolis/SC, como resposta aos casos de doenças erradicadas pelo descarte indevido do lixo, pois houveram casos de leptospirose na comunidade, causando mortes. Uma das soluções para esse problema foi pensar o gerenciamento de resíduos orgânicos, pelo método de compostagem termofílica², pois antes esses resíduos eram depositados nas ruas e assim atraíam os ratos e, por conseguinte, algumas doenças. Para fazer esse gerenciamento, as moradias participantes recebem um baldinho para armazenar o material orgânico descartado. O processo de coleta dos resíduos é realizado nos Pontos de Entrega Voluntária (PEVs) por membros da comunidade, estes que também são responsáveis pelo gerenciamento posterior, no pátio de compostagem, onde esse resíduo é transformado em adubo e distribuído entre os moradores. O excedente fica disponível à venda, gerando parte da renda do projeto. Nos pátios de compostagem, distribuídos em diferentes pontos da comunidade³, são construídas as leiras: canteiros onde é condicionado o material orgânico recolhido. Participam, ao todo, 150 famílias.

Mesmo sendo idealizado em 2008, o reconhecimento como Tecnologia Social só foi adquirido em 2013, quando integrou o Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil. Torna-se importante salientar que a técnica de compostagem termofílica foi introduzida pelo Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de grupo (CEPAGRO), que esteve presente na gestão até 2018. (RIAL, 2018)

Esse reconhecimento permitiu que o modelo de TS desenvolvido pelo PRB pudesse ser consultado e replicado por diferentes locais em diversas cidades do país. As replicações consistem na assessoria através de formações técnicas de moradores voluntários, na distribuição do kit inicial (cartilha, bombonas, ferramentas para trabalhar nas leiras, entre outros) e no acompanhamento nos três primeiros meses. Então, em 2017, foi formada a Cooperativa de Catadores e Recicladores Orgânicos Revolução dos

² Compostagem é o conjunto de técnicas aplicadas para estimular a decomposição de materiais orgânicos por organismos heterótrofos aeróbios, com a finalidade de obter, no menor tempo possível, um material estável.

³ Além do pátio principal, situado na Escola de Educação Básica América Dutra Machado, eventualmente são montados canteiros próximo a sede do PRB.

Baldinhos (CRB) permitindo que a “Revolução” tivesse maior autonomia ao encerrar o vínculo institucional com a CEPAGRO.

A atuação do PRB consiste, principalmente, em ações locais de coleta dos resíduos orgânicos; na construção e alimentação das leiras; na sensibilização dos moradores; na distribuição de adubos, hortas verticais e mudas para a comunidade e na organização de eventos, festas e oficinas no espaço “cozinha mãe⁴”.

Assim, uma das principais fontes desse projeto foi uma das coordenadoras da PRB, Cíntia Aldaci Cruz, que foi nossa principal interlocutora. Cíntia é moradora da Comunidade Chico Mendes e atua desde o início em todas ações da Revolução, sendo voluntária nas ações de sensibilização, compostagem e depuração do adubo desde 2008. Ministra também oficinas de alimentação saudável, de cerâmica e de fabricação de sabão a partir do óleo de cozinha. Por atuar também nas replicações, foi decidido que assim faria no Lago do Limão, em Iranduba. As decisões e sugestões referentes a oficina realizada em Iranduba e melhor local para colocar a composteira, e como seria essa composteira, foram de sua iniciativa, partindo de sua vivência nas formações, onde as decisões são tomadas conforme a realidade do local onde é replicado.

1.3 A REPLICAÇÃO NO LAGO DO LIMÃO, EM IRANDUBA, MANAUS

A população gira em torno de 48.296 habitantes distribuídos numa área de 2.216,817 km² e fica localizada à 34 km de Manaus, no estado do Amazonas. O município abrange quatro zonas distritais, entre elas, o distrito do Lago do Limão. Esse distrito possui uma população estimada em mil moradores, ocupando parte de uma Área de Preservação Ambiental. A Vila do Lago do Limão, sede administrativa distrital, conta com uma escola municipal e um posto de saúde.

A coleta de lixo no Lago do Limão é realizada pela Prefeitura de Iranduba, uma vez a cada oito dias, gerando grandes problemas no gerenciamento dos resíduos sólidos, pois o plano da prefeitura atinge apenas quatro pontos – três escolas e uma paróquia – da região central do município. Nessas condições, a prática da queima do lixo domiciliar é muito comum. Além disso, existe o agravante do aterro sanitário, que

⁴ O espaço foi reformado e transformado em uma cozinha para uso da comunidade.

atende a demanda de toda a cidade, estar em situação irregular, conforme atestado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), em função do sobrecarregamento residual e do grande impacto ambiental causado pela poluição do solo e das águas do entorno. (RIAL, 2018)

Por essas questões, a região foi escolhida para integrar o projeto de gestão comunitária de resíduos sólidos a partir da Tecnologia Social de compostagem produzida no Projeto Revolução dos Baldinhos para a região do Lago do Limão. Torna-se importante salientar que o diagnóstico da região foi produzido em pesquisas anteriores por alunos de graduação em diferentes áreas das humanidades e da pós-graduação em Antropologia Social da UFAM. Esse dado demonstra um pouco da importância das redes de pesquisadores entre diferentes universidades, nesse caso, estimulado pelo programa PROCAD (Programa Nacional de colaboração acadêmica)/casadinho, no qual havia colaboração entre os docentes e discentes das universidades participantes. Uma vez realizado o trabalho de campo, foi identificado que a escola do local seria um ponto estratégico para realizar a replicação, visto que facilitaria o trabalho periódico de sensibilização educação ambiental das famílias.

1.4 QUESTÕES ABORDADAS NA MONOGRAFIA

A principal discussão na monografia refere-se ao uso dos recursos audiovisuais em trabalho de campo, focando principalmente no uso da fotografia, em que essa abordagem esteve presente durante todo campo da pesquisa, seja em Florianópolis ou Iranduba. A temática sempre esteve presente durante toda minha graduação, por atuar durante oito anos em um núcleo de Antropologia Visual, o NAVI (Núcleo de Antropologia Visual e Estudos de Imagem), e também realizar mobilidade acadêmica na UFRGS, atuando no NAVISUAL, que é o Núcleo de Antropologia Visual local. Então, todas as vivências em gravações de palestras, eventos, entrevistas, fizeram que eu já olhasse a antropologia por essas “lentes”. Assim: “Entendendo-se aqui por antropologia visual o estudo das significações de imagens singulares sobre a diversidade cultural, que transportam as representações sociais para os suportes fotográficos e filmográficos.” (CAMPOS, 1996)

Então, ao fazer o acompanhamento fotográfico de uma etnografia, ou fotoetnográfico⁵, requer pensar em questões tanto de imagens como do campo etnográfico, estudados pela Antropologia. Para Achutti (1997) “sendo a fotografia um permanente ato de recortar e enquadrar elementos da realidade num plano – duas dimensões – faz se necessário um domínio técnico específico. E o autor segue, pois esse “domínio técnico aliado ao olhar treinado do antropólogo pode levar a construção de um trabalho fotoetnográfico que venha ser relevante, não só mais como uma das técnicas de pesquisa, mas também como outra forma de narrativa”. Assim, muitas questões são levantadas antes de adentrar o campo: Sobre o uso da fotografia numa etnografia, o quanto é importante o conhecimento das técnicas fotográficas e etnográficas, e suas possibilidades e obstáculos.

Assim a pergunta que permeia este trabalho consiste em quais fatores são analisados quando se utiliza a fotografia como meio de registro etnográfico, e como se fazem os usos da fotografia nesse processo.

Partindo do objetivo de analisar os processos que envolvem a fotoetnografia, o trabalho divide-se em dois capítulos. No capítulo um é feita uma descrição densa da etnografia realizada durante o campo em Iranduba. São abordados questões de metodologia em etnografia e o uso da fotografia nesse processo. No capítulo dois são discutidas questões do uso da fotografia em campo, e algumas questões que vem à tona antes e durante o trabalho de campo.

⁵ Uma forma específica de fotografia informada pelo saber antropológico e, por decorrência, empenhada no inventário dos elementos culturais e sociais de grupos humanos. (ACHUTTI, 1996.)

2: O MOMENTO DO ANTROPÓLOGO EM CAMPO: DESCRIÇÃO DENSA

A etnografia é uma metodologia muito utilizada na antropologia. Firmou-se na disciplina quando o antropólogo Bronislaw Malinowski (1884 – 1942) criou uma nova forma de fazer pesquisas, o que foi chamado de observação participante. Em sua obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, o autor conviveu e observou os Trobriandeses, tendo relatado esse processo em um caderno de campo, além de fazer um registro fotográfico. Assim, os antropólogos perceberam nessa metodologia uma forma de obter informações mais confiáveis do que as que chegavam até eles pelos viajantes, religiosos e administradores coloniais. Partindo desse autor e de outros que se seguiram, os diversos pesquisadores refletiram sobre como poderiam fazer esses registros. Anos depois, encontramos pesquisadores, como o norte-americano Howard Becker, que também viu na etnografia uma metodologia importante para os estudos de campo:

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversações com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER,1999).

Malinowski e Becker foram inspirações durante a pesquisa para esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), assim como Clifford Geertz (2008), que anos depois, cunhou o conceito de “descrição densa” para se referir a uma etnografia interpretativa, em que quem pesquisa deve estar atento aos diferentes significados existentes entre os agentes de suas práticas. Para Geertz, em sua obra *Interpretação das Culturas* (1989), a Cultura é formada por uma teia de significados, e cabe a quem pesquisa desvendá-los, interpretando semanticamente atos, rituais e práticas sociais.

A etnografia aqui exposta foi realizada durante uma viagem para Iranduba (município do Estado do Amazonas), com o intuito de acompanhar a realização de uma formação em reciclagem de resíduos orgânicos no distrito do Lago do Limão, para que no final fosse montada uma composteira naquela comunidade. Cabe salientar que parte do grupo atuante nesse projeto, composta por pesquisadoras da Universidade Federal do

Amazonas⁶ já vinha realizando trabalho de campo no local, tendo discutido com alguns moradores para o melhor local para realizar a oficina – e, por conseguinte, construir a composteira. O relato que segue conta um pouco a história dessa viagem antropológica.

2.1 - RUMO A MANAUS

Partimos, Cintia Cruz, coordenadora do Projeto Revolução dos Baldinhos (PRB), e eu, rumo à Manaus no dia 28 de agosto de 2019 às 9:50, saindo do Aeroporto Hercílio Luz em Florianópolis/SC. Fizemos escala no Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, para chegar às 15:10, hora local, no aeroporto Internacional Eduardo Gomes. Fomos recebidas pela colega do projeto Caroline Soares, doutora em Antropologia e que vem liderando a pesquisa, que nos conduziu até a Universidade Federal do Amazonas para resolver umas pendências, enquanto tomávamos um açaí e comíamos uma tapioca. Com a mudança brusca de temperatura, saímos do inverno de Florianópolis que estava com uma média de 15° C, para o calor de Manaus, que naquele momento deveria estar na faixa dos 40° C, sentimos inicialmente cansaço e moleza, que foi gradualmente amenizado com sucos de frutas locais e ambientes refrigerados. Depois nos separamos: fui levada para a casa da colega Camila Garcia Iribarrem, enquanto Cíntia foi para a casa da professora Márcia Calderipe. Fomos descansar, pois os próximos dias seriam bem intensos.

2.2 - OFICINA EM IRANDUBA

Na manhã seguinte seguimos para Iranduba, região metropolitana de Manaus. Estávamos com previsão de chegar às 9 horas, mas pegamos um trânsito muito intenso dentro da cidade⁷. Chegamos com certo atraso, e os alunos da escola Chico Mendes (anteriormente chamada de Professora Maria Auxiliadora Mesquita Simas, como mostra a foto) já nos aguardavam. A direção da escola tinha sido previamente contata pela equipe do projeto de Manaus, como já dito anteriormente, demonstrou-se bastante receptiva aceitando a proposta de sediar a composteira piloto no Lago do Limão a ideia era que, com o tempo, outras composteiras fossem montadas em diferentes pontos da

⁶ A equipe da UFAM é coordenada pela professora Dra. Márcia Regina Calderipe Rufino e as doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Camila Garcia Iribarrem e Lourdes de Fátima Moraes de Sousa Saldanha.

⁷ O trânsito na cidade de Manaus é bastante carregado e imprevisível. Um trajeto de poucos quilômetros, em um horário de pico, pode demorar horas.

comunidade. A escola fica em um distrito com população de baixa renda (LOPES; NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2011), enquadrado entre os “territórios prioritários⁸” pelo então Ministério do Desenvolvimento Social, sendo essa uma das razões de ter sido escolhida como o local para a replicação da Tecnologia Social (TS) de gestão comunitária de resíduos orgânicos, no modelo do Projeto Revolução dos Baldinhos.

Eu já tinha acompanhado algumas dessas oficinas, e tinha uma pequena ideia do que seria apresentado para os alunos e os professores da escola amazonense. Ainda assim, houve aquele momento inicial de estranhamento da antropóloga no campo, então passei a observar os detalhes do local, esse sim desconhecido para mim. Iranduba é uma cidade com 48.296 mil habitantes, localizada a 34 km de Manaus. A sua margem tem os rios Solimões e Negro. Desde a inauguração da ponte Jornalista Phelippe Daou que liga as cidades de Manaus e de Iranduba, sobre o Rio Negro, o cenário populacional do Lago do Limão tem sofrido mudanças com a vinda de moradores oriundos de outras regiões do estado do Amazonas, sobretudo da capital em busca de tranquilidade e custo de vida mais barato (PEREIRA; WIGGERS, 2018).

⁸ Os Territórios Prioritários consistem em localidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) incluídos na lista do PROGREDIR, programa lançado pelo então Ministério do Desenvolvimento Social (hoje reduzido à Secretaria do Desenvolvimento Social, ligada ao Ministério da Cidadania) que visa ações do governo federal para promover a autonomia, por meio da geração de emprego e renda, das famílias inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e beneficiárias do Programa Bolsa Família. O projeto Avaliação de Tecnologia Social – O Programa Revolução dos Baldinhos e a replicação da gestão comunitária de resíduos orgânicos em comunidades de Florianópolis e Iranduba (AM) é parte subsidiado por esse programa através do CNPq/MCTI.



Fig. 1: Fachada da escola



Fig. 2: Placa da escola, com o nome Chico Mendes



Fig. 3: Rio Solimões

Entramos na escola e logo Cíntia começou a conversar com os estudantes, falou sobre o Projeto Revolução dos Baldinhos, explicou do que se tratava, falou também, explicou o que era compostagem, e procurou fazer a sensibilização dos jovens sobre a importância da separação dos resíduos. Enquanto isso, eu desenvolvia meu trabalho fotográfico e de filmagem, sempre tomando cuidado, pois anteriormente fui alertada pela colega Caroline que, por questões éticas, já que se tratava de uma população vulnerável, não poderia filmar e nem fotografar as crianças. Esse foi meu maior desafio na captação das imagens, pois os alunos eram o maior público. Para isso eu tinha que mudar os planos de captação para que pudesse inserir a presença deles, sem necessariamente incluir suas imagens de rosto. Optei por fazer planos gerais, como esse:



Fig. 4: Palestra no período da manhã

Após a palestra, que acabou perto do meio dia, pudemos conhecer as pessoas que estavam trabalhando na escola, as colegas do projeto conversaram com os funcionários ali presentes enquanto eu ajustava os equipamentos. Demos uma volta caminhando ali por perto, pois era muito quente e não tínhamos como ir até muito longe. Fomos observar o rio. Aproveitamos para fazer um lanche e discutir sobre qual seria a melhor forma de fazer a composteira naquele local. Cintia foi ver um local atrás da escola, mas nesse terreno havia uma fossa⁹, o que poderia contaminar se optássemos pela construção da leira¹⁰ no chão, em contato com a terra. Havia um outro terreno que pertencia a Associação de Moradores, mas deveríamos falar com o responsável para saber se poderíamos usá-lo ou não. Descansamos um pouco e seguimos para a oficina da tarde, realizada no mesmo local da Oficina da manhã.

⁹ Fossa é como se designa comumente as fossas sépticas, unidade de tratamento primário de esgoto doméstico que separa os resíduos sólidos e líquidos. Muito utilizada também em Florianópolis, onde são poucas as áreas cobertas por esgoto e unidades de tratamento.

¹⁰ Leira é como se designa tecnicamente as composteiras de chão, os locais onde são depositados os resíduos sólidos com a terra que os cobre. São pequenos montes (de uns 3 por 1 metro) em que o resíduo orgânico é deixado para sofrer o processo químico que o tornará em adubo – esse processo, em uma região quente, dura em média três meses.



Fig. 5: Oficina no período da tarde

Cíntia conversou com esse novo grupo, enquanto novamente eu fazia imagens. Muitas crianças se aproximavam para verificar como as imagens estavam sendo feitas, e eu explicava como funcionava a máquina fotográfica, tentando não desviar a atenção dessas crianças do que era falado pela Cíntia. Nesse grupo estava presente o professor Edinho Amorim, responsável pelas aulas de Educação Física, Matemática e Educação Ambiental, que ficou super interessado no assunto. Após terminarmos a palestra, o professor Edinho se propôs a chamar os alunos para no dia seguinte vir preparar a composteira. No fim, ficou decidido que faríamos atrás da escola, mas que compraríamos uma caixa d'água, pois assim ela não se contaminaria com o solo molhado pela fossa.

Quando finalizamos voltamos para a casa da Camila, em Manaus, no caminho viemos conversando com a Cíntia sobre aquela experiência, enquanto eu registrava em vídeo, para depois incluir essas falas numa montagem para o relatório final do projeto. Fomos descansar, com planos de no dia seguinte sair mais cedo, a fim de evitar o caótico trânsito.

2.3 - SEGUNDO DIA: MONTAGEM DA COMPOSTEIRA

Na manhã seguinte partimos um pouco mais cedo e paramos em uma loja em Manaus, para comprar a caixa d'água e mais alguns materiais necessários, entre eles uma torneira, de onde sairia o composto orgânico líquido produzido pela composteira, e tintas. Chegamos na escola Chico Mendes, que se preparava para a festival Folclórico³ que se realizaria naquele dia, e alguns estudantes e o professor Edinho nos aguardavam. Apareceram também moradores locais para verificar o que seria feito e um deles ajudou no processo. Começamos a separar grupos para começar a limpar o terreno enquanto algumas crianças faziam pinturas na caixa d'água.



Fig. 6: Terreno antes da limpeza

Assim, todos os presentes, moradores locais ou crianças da escola e professores, participaram de todos os processos. Enquanto isso, na escola preparavam comidas que seriam vendidas no festival folclórico ¹¹que aconteceria mais tarde naquele dia, e todos estavam bem animados.

Após o processo de limpeza do terreno, iniciou-se a plantação de uma hortinha. Fazia muito calor, era necessário que usássemos chapéu e também protetor solar.

¹¹ Festa Folclórica realizada todos anos pela Escola Chico Mendes, com apresentações culturais e venda de comidas e bebidas em barracas.

Concomitante, as crianças presentes faziam pinturas na caixa d'água, enquanto outras pintavam a parede próxima.



Fig. 7: Cíntia preparando a horta



Fig. 8: Crianças pintando a tampa da caixa d'água



Fig. 9: Crianças pintando a caixa d'água



Fig. 10: Pinturas na parede

Com o terreno limpo e uma hortinha feita, os moradores conseguiram uma bananeira que foi plantada próxima a fossa, a fim de conter a contaminação do solo, já

que a bananeira é uma planta que absorve bem a água no solo, servindo para drená-lo. Cintia ainda fez algumas pinturas na parede para demarcar que a “Revolução” havia passado naquele local – além de diferentes localidades de Florianópolis, de Foz do Iguaçu (PR), do Rio de Janeiro (RJ), de Macaíba (RN), agora Iranduba recebia mais uma replicação da TS do PRB.



Fig. 11: Cintia escrevendo “Compostagem na escola”

Após a secagem da caixa d’água, Cintia e Edinho fizeram furos na caixa d’água para que o ar pudesse passar e as bactérias aeróbicas pudessem fazer o trabalho de decomposição. Então, colocaram a torneira, responsável pela drenagem do composto, para então depositar a caixa no local escolhido.



Fig. 12: Professor Edinho e Cíntia fazendo furos na caixa d'água



Fig. 13: Inserindo a torneira



Fig. 14: Trabalho conjunto



Fig. 15: Crianças finalizando a parede



Fig. 16: Terreno limpo e caixa d'água no local escolhido



Fig. 17: Preparando material interno da composteira

Em seguida, foi preparada a composteira com os materiais estruturantes: a brita, o bidim, a serragem, o cepilho e a palha, que foi recolhida de locais próximos. Nesses momentos algumas crianças registravam o processo em seus celulares para

posteriormente poder repetir em outras composteiras. Para “inaugurar” foi utilizado o resíduo orgânico dos alimentos que estavam sendo preparados para a festa: bolo de aipim, e outras receitas locais. Nesse momento Cíntia explicou como seria depositado o material orgânico e quais seriam os próximos passos para a alimentação da composteira. Por fim finalizamos o trabalho e todos estavam muito satisfeitos com o resultado final.



Fig. 18: Composteira com os materiais estruturantes



Fig. 19: Cíntia colocando os materiais



Fig. 20: Com os resíduos orgânicos



Fig. 21: Resíduos orgânicos sendo depositados pelo professor Edinho



Fig. 22: Colocando a palha



Fig. 23: À direita a bananeira plantada e no fundo a composteira, como ficou.



Fig. 24: Resultado visto de outro ângulo, com hortinha ao fundo à direita



Fig. 25: Participantes da empreitada

Após finalizarmos, fomos convidados a compartilhar o almoço ali na escola. Haviam preparado uma canja de galinha para todos que estavam trabalhando tanto nos preparativos do festival, quanto no mutirão para a construção do “Compostagem na Escola¹²”. Agradecemos a todos pelos momentos passados, e todos estavam muito felizes. Estávamos muito cansadas e fomos embora logo depois do almoço.

¹² Nome do projeto de Educação Ambiental escolhido pelos estudantes para ser implementado na Escola Chico Mendes.

3 – ANTROPOLOGIA VISUAL E METODOLOGIAS: PERCEPÇÕES E OLHARES

Na literatura antropológica encontramos muitos textos que debatem o uso das imagens no trabalho de campo. Na prática, porém esse debate vai muito além. O histórico da disciplina nos mostra como a forma como essas imagens eram captadas – bem como os significados atribuídos a elas – foram mudando: dos relatos dos viajantes e naturalistas, das grandes expedições, do solitário trabalho de campo, tudo era acompanhado por imagens. Assim, se em um período os pesquisadores usavam da pintura para mostrar o campo observado, posteriormente foram incorporadas como recursos a fotografia, o vídeo e, mais recente, as multimídias. Este trabalho, como já mencionado anteriormente, delimita-se ao uso da fotografia – e alguns pequenos comentários sobre o uso do audiovisual.¹³

Quando pensamos sobre o uso da fotografia nos trabalhos de campo, lembramos que esta acompanha os antropólogos em suas pesquisas de campo desde a Antropologia se consolidou como disciplina, em meados do século XIX. O antropólogo Franz Boas levou uma câmera fotográfica para o seu campo na Ilha de Baffin¹⁴, e seu assistente George Hunt passou a utilizá-la. Outra expedição que utilizou bastante desse recurso foi a organizada pela Universidade de Cambridge ao Estreito de Torres¹⁵ em 1898 (NOVAES, 2013). Em ambos era notável o interesse de colher dados mais objetivos, em que o exótico das culturas pesquisadas era colocado em evidência. Nesse sentido, Milton Gurhan (apud SOILO, 2012) aponta tanto para o nascimento simultâneo da fotografia e da antropologia nesse período, como para o encontro dessas duas áreas¹⁶ interessadas pela vida social. Num desses projetos de documentação, Hunt trabalhou com o fotógrafo Edward Curtis e em uma de suas cartas a Boas, o antes auxiliar comenta ao orientador sobre a diferença entre as fotografias de artistas e antropólogos, em que “o grande fotógrafo, ao contrário de Boas, havia deixado de fotografar os aspectos mais importantes do ponto de vista Kwakiutl e apenas se interessava por efeitos visuais”. (NOVAES, 2013).

¹³ Recursos utilizados no trabalho de campo.

¹⁴ Na Expedição à Ilha de Baffin, Boas estudou os Inuit.

¹⁵ A Expedição ao Estreito de Torres foi realizada para documentar as culturas dos ilhéus do Estreito de Torres.

¹⁶ O autor chama atenção para as características peculiares as fotografias da época: posadas e sofrer forte ideologia dos pesquisadores

No Brasil, a fotografia foi introduzida por Hercule Florence em 1833, em suas primeiras experiências com a câmara obscura¹⁷, e posteriormente difundida por Dom Pedro II. Na pesquisa etnográfica, o pioneirismo é atribuído ao antropólogo Roquete Pinto que em 1912 utilizou a fotografia em campo durante os cinco meses que acompanhou a Expedição Rondon, registrando as primeiras imagens dos índios Nhambiquara (CAMPOS, 1996). Nos próximos anos, outros pesquisadores acompanharam a expedição, e essas imagens fotográficas e de vídeos seriam documentadas para depois criar-se o Departamento de Documentação Cinematográfica Etnográfica, que veio a transformar-se na Seção de Estudos do SPI (Serviço de Proteção ao Índio).

3.1 SOBRE A CÂMERA

Quando fazemos um trabalho visual, uma das primeiras questões a se pensar é o equipamento a ser usado, se ele é adaptado para o tipo de pesquisa e para o local onde será captada as imagens. Questões como o peso da câmera, sua portabilidade, a necessidade ou não de tripé, o tipo de suporte para as imagens (se fita ou chip), quantas baterias levar e muitas outras estão presentes antes de uma saída a campo com uma câmera fotográfica, como foi o caso nessa pesquisa. Caso tivesse optado por gravar com vídeo, outras ainda seriam pertinentes, como a necessidade ou não de microfone, o tipo de microfone adequado (lapela?, com haste?, com proteção contra ao vento?), etc. Isso não significa que tudo o que se vai encontrar no campo possa estar previsto previamente. O improvisado é muito importante e, na Antropologia Visual, já foi responsável por algumas “descobertas”. A possibilidade de se registrar em vídeo sem tripé, com a câmera da mão, foi, segundo Jean Rouch ele mesmo, o resultado de um acidente: descendo um rio de barco, ele e seu companheiro de viagem perderam na água o tripé, o que o obrigou a decidir entre retornar a Paris para adquirir um outro tripé ou prosseguir assim mesmo. Com isso, inventou-se movimentos de câmera que escapavam à gramática cinematográfica da época, subvertendo as normas com grandes ganhos para o registro fílmico documentário, dada a maior proximidade espectador/sujeito filmado,

¹⁷ As Câmeras obscuras foram os primeiros modelos de máquina fotográficas, que consistem numa caixa com um orifício onde entra a luz, atingindo a superfície interna oposta, formando a imagem invertida.

o que terá uma influencia decisiva no estilo de filmagem da Nouvelle Vague francesa, e também (aí talvez também por imperativos econômicos) no Cinema Novo brasileiro.

Uma das aquisições do projeto “Avaliação de Tecnologia Social – O Programa Revolução dos Baldinhos e a replicação da gestão comunitária de resíduos orgânicos em comunidades de Florianópolis (SC) e Iranduba (AM)” foi uma câmera Canon EOS SL2, que foi comprada com o intuito de produzir imagens fotográficas e de vídeo. Por sugestão da professora Carmen, procuramos uma bolsa térmica para servir de case da câmera, pois como faríamos uma viagem longa e com drásticas mudanças de temperatura, o ideal seria que a câmera ficasse protegida da variação calor/frio, de outros choques, além de evitar que chamasse tanto atenção atraindo possíveis ladrões. Antes da viagem ser confirmada, não tive muito contato com a câmera recém adquirida, mas a princípio estava tranqüila porque esses tipos de equipamentos possuem parâmetros parecidos entre si – e já havia trabalhado com outras máquinas nesses anos todos junto ao NAVI. Previamente, com minha colega Caroline, fizemos um roteiro do que seria prioridade na captura das imagens e, uns dias antes da partida, peguei a câmera para ver se estava tudo certo e carregar a bateria. A princípio combinamos que as primeiras imagens já seriam embarcando em Florianópolis. Captar o processo em todas as etapas, captar o que outros poderiam chamar de bastidores e não apenas o momento da ação, captar a preparação e não apenas a performance, é uma das máximas da antropologia visual – e de certo modo, de boa parte da antropologia.

Assim, acompanhei o embarque de Cíntia no avião. Nos momentos que seguiram, pude me identificar com Malinowski no trecho que segue no texto de Etienne Samain (1996):

Acordei às sete da manhã, fiz a volta da aldeia [...] todo o pessoal saiu para pescar [...] decido fazer fotografias. Me enrolei com o aparelho – em torno das dez horas – algo estragado, desperdicei uma bobina. Furor e humilhação. O destino está contra mim; finalmente, acabou funcionando. Fotografei mulheres. Voltei em estado de irritação. (DI, p. 168). Ontem e hoje tive dificuldades para tirar fotografias; uma falta de jeito é um dos principais obstáculos ao meu trabalho. (DI, p. 180).(MALINOWSKI APUD SAMAIN,1995)

Nesse trecho, Malinowski nos fala de alguns contratempos com a câmera. É de se imaginar quantos contratempos desse tipo diversos antropólogos passaram com seus equipamentos, ainda mais nesse período, em que as máquinas eram grandes e pesadas

de se carregar, e requeriam longo tempo de pose - sem contar que até chegar as Polaroids, e mais ainda, a era digital, não era possível verificar como as fotos tinham ficado. No meu caso, mesmo utilizando uma câmera digital, não conseguia localizar o ISO¹⁸, que é um indicador de sensibilidade do sensor da câmara à luz do ambiente, quanto maior o ISO maior será a sensibilidade do sensor à luz. Geralmente, o ISO é fácil de localizar nas câmeras atuais, mas por algum motivo eu não encontrava de jeito nenhum. Como ajustar a câmera, como “fazer o branco” (como se diz comumente pois para ajustar a câmera a luz ambiente normalmente se aperta no botão do ISO focalizando um objeto branco) sem saber onde estava o ISO? Assim, as imagens dentro do avião não ficavam boas. Senti na pele um pouco dos perrengues passados por meus nobres antecessores.

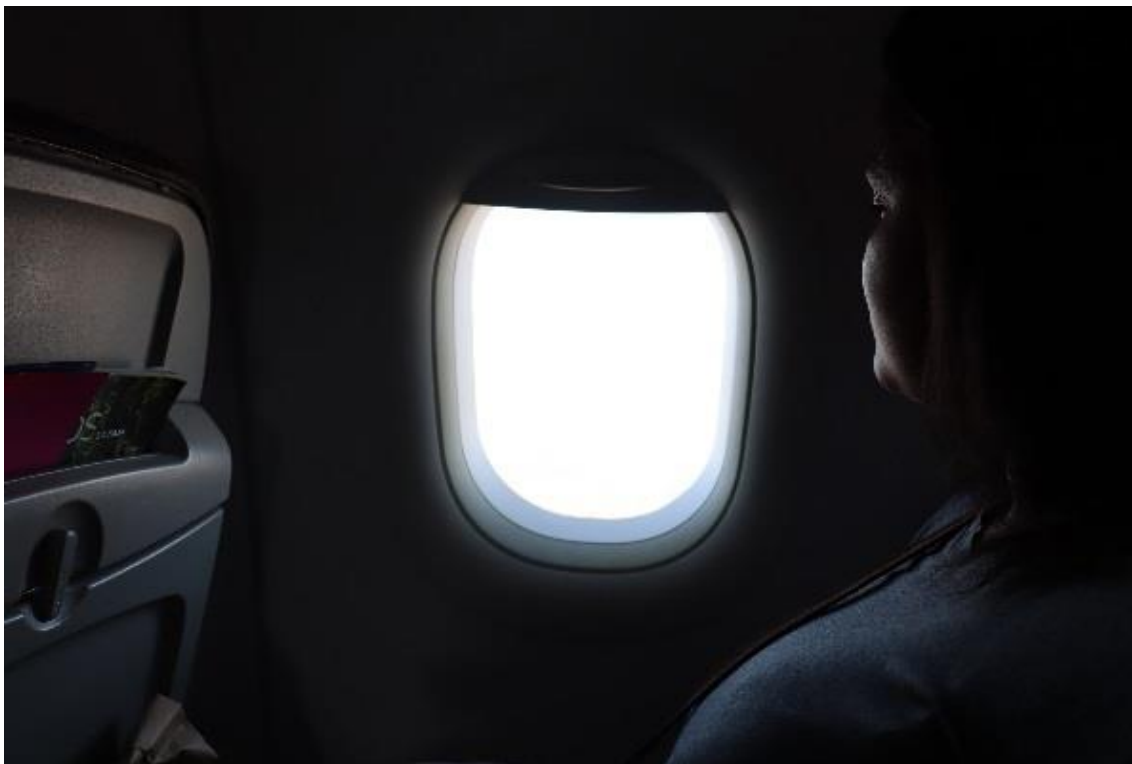


Fig. 26: Uma das tentativas de clarear a imagem, sem sucesso

Essa questão poderia ser evitada se eu tivesse despendido parte do meu tempo com o cuidado de pesquisar sobre a câmera antes da viagem, o que, mesmo atuando oito anos em um núcleo de Antropologia Visual, não levei em consideração. Conforme nos

¹⁸ ISO: Sigla de *International Standards Organization*

orienta o antropólogo Achutti, “Em uma fotografia estão implicados o domínio técnico e a decisão quanto ao tipo de filme, tipo de câmera, característica da lente, quantidade e qualidade da luz...” (ACHUTTI, 1997). Nesse mesmo texto, o autor segue “É difícil consertar uma fotografia que tenha sido mal feita, ao contrário do que é feito com o caderno de notas: mesmo que nele venham a conter anotações precárias quanto ao estilo narrativo, ele poderá continuar a ser fonte originadora de um texto de qualidade” (ACHUTTI,1997). O texto de Achutti data de 1997, um momento em que as câmeras digitais ainda não eram difusas, o que dificultava certas escolhas do fotógrafo/antropólogo ainda no processo de captação das imagens (já que o visor da câmera digital permite correções ou mudança de modo de captura). Porém, no alto de 2019, mesmo com uma série de opções na câmera, naquele primeiro trecho da viagem, Florianópolis – São Paulo, como Achutti relatou há mais de vinte anos, não pude aproveitar as imagens: seria difícil “arrumar as fotografias mal feitas”, em contrapartida, pude trabalhar no relato aqui descrito e com as “imagens” do caderno de campo.

3.2. IMAGENS EM IRANDUBA

Como relatado no primeiro capítulo, chegamos com um certo atraso na escola no primeiro dia, então fiz imagens de vídeo e umas duas fotografias rapidamente antes de entrar na escola. Depois, verificando essas imagens, percebi que as primeiras eram da rua onde estava a escola (Fig. 27), e da fachada da escola (Fig.1)



Fig. 27: Lago do Limão

A fotografia acima mostra a visão do caminho que tínhamos percorrido para chegar até ali. Não chega a ser uma foto aérea, a qual permitiria visualizar uma área mais extensa e entender um pouco melhor o bairro onde se localiza a escola que iríamos visitar. Porém, como foi feita de um ponto mais elevado, consegue-se ainda assim ter uma visão da estrada/rua por uma distância de quase um quilometro, perceber-se a baixa densidade populacional do bairro (são cerca de 15 casas, separadas uma das outras, são poucas pessoas na rua) e o quanto ele é arborizado. Se usamos o recurso de amplia-la, outras informações ainda podem ser observadas: a vegetação é variada, inclui na casa mais rosa algum tipo de palmeira (açáí? Palmito? Coqueiro?) com 4 exemplares, uma planta ornamental em frente, além de árvores bastante frondosas que proporcionam um sombra bastante densa. A casa, que vemos com mais precisão na foto, me leva a pensar tratar-se de uma camada média: tem muro sem pintura que é completado em cima por uma cerca de metal, apoiada em postes de cimento, tem uma ampla janela protegida por grade de metal decorada e uma antena parabólica. Em frente à escola, apenas dois carros, um sendo utilitário.

Como é comum no Brasil, a eletricidade é distribuída por fios aéreos – eles correm paralelamente à estrada/rua e alguns a cruzam. A estrada é relativamente bem conservada, com alguns remendos na terra batida. Vemos três pessoas na foto, uma

mulher (imagino, pois está usando saia e tem os cabelos compridos, roupa e cabelo mais comum entre as mulheres, além do modo de andar com as pernas mais próximas), uma criança e um homem (imagino, pela roupa e cabelo curto, além do modo de andar, com pernas mais afastadas), e imaginamos que o ponto mais distante seja uma quarta pessoa, cujo gênero é impossível de determinar. A mulher leva pela mão uma criança, e se protege do sol com uma sombrinha - num calor de aproximadamente 40 graus, a mulher se protege e protege um pouco a criança, o homem, não. A ausência de pessoas na estrada pode ser devido ao calor, me indago.

Pela pressa, não consegui captar todo panorama, mas observando esse trecho já é perceptível muito do ambiente. Assim, compartilho da mesma ideia que esta passagem de Carmen Rial (2001):

As fotos aéreas ou os planos panorâmicos, como já ensinava Collier Jr, são excelentes instrumentos de entrada no primeiro momento em campo que é marcado pela exploração inicial. São como um tatear no escuro inicial. Servem para uma primeira abordagem do terreno, servem para que se visualize o todo, os seus contornos gerais. Servem como mapas que nos localizam no campo a ser estudado. (RIAL, 2001)



Fig. 28: Momento que chegamos na escola



Fig. 29: Um dos cartazes da escola, orientando sobre a mosca da carambola

Esse contato inicial mais distante pode ser seguido, e o foi aqui, por alguns detalhes que não envolvam um contato com as pessoas mais direto – fotografei os cartazes e um grupo que conversava, incluindo as professoras que nos receberam. Nesse primeiro momento, não teria problema em fotografar a Caroline, mas preferi não fazer imagens frontais das professoras sem antes ter conversado e explicado a razão das imagens.

3.3 QUESTÕES DE ÉTICA



Fig. 30: Cíntia conversando com os alunos

Como relatado na etnografia, um processo difícil foi o registro das crianças. Como disse anteriormente, fui alertada pela minha colega Caroline dos possíveis problemas éticos envolvendo a captação de imagens das crianças, e que o ideal seria fazer planos abertos em que não focassem rostos. Mas como era possível fazer isso numa escola? Inevitável que alguns momentos alguns rostos apareceriam, e que teriam que ser escondidos depois, eu pensaria como poderia trabalhar editando a fotografia.

Crianças são vistas como uma população vulnerável, e a legislação brasileira que normatiza a ética na pesquisa, ainda que tenha sido flexibilizada nos últimos anos para se adequar as especificidades da pesquisa em ciências humanas, mantém restrições quanto a pesquisar com populações vulneráveis. Nosso projeto não tinha sido registrado na Plataforma Brasil e nem submetido o comitê de ética da Universidade, exatamente porque não implicava em riscos para os pesquisados (ou pesquisadores, pois a legislação também serve como uma garantia aos pesquisadores de que não serão processados no futuro). Não usamos formulários de consentimento informado. Mas se fosse fotografar crianças necessariamente teria que ter a permissão dos pais ou das autoridades da escola onde estavam. Esse consentimento, das autoridades da escola, tínhamos de modo implícito pois nada nos foi dito que colocasse em duvida a captação de imagens. Como podemos ver na figura 25 uma fotografia onde aparecem todas as

crianças que estavam naquele momento participando. Pousam com consentimento porque querem fazer perceberem-se como participantes de todo os processos da oficina. Então, foi desafiador mostrar o que acontecia sem necessariamente mostrar rostos e expressões, mesmo acreditando que essas expressões poderiam falar muito sobre o que estavam pensando esse público – a imagem “: Cíntia conversando com os alunos”, onde estudantes aparecem de costas, ilustra bem esse ponto. Vemos Cintia apresentando o Projeto, mas não temos como ler a recepção da fala. Então deixaria para a descrição densa o que não pude descrever com imagens.

3.4 ARTICULANDO IMAGEM E ESCRITA

Quando fotos são escolhidas para “representar” um determinado trabalho, uma série de fatores são pensados. As fotos escolhidas no primeiro capítulo seguem a linha da ordem cronológica da viagem que, por sua vez, seguem a ordem do relato de viagem. Juntamente, as legendas procuram reforçar o texto escrito que narra como foi realizada a etnografia. No texto "'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia" de Etienne Samain (1995), encontramos considerações apontadas no que diz respeito ao trato de Malinowski com a fotografia em relação ao texto. Uma delas “diz respeito à concepção dos papéis globais que, para ele, a fotografia há de desempenhar com relação ao texto” (SAMAIN,1995). Ao reler o conjunto das legendas que Malinowski deu às suas fotografias, presentes nas obras acima referidas, descobre-se que alguns dos verbos usados para designar essas funções são claramente indicativos. Alguns exemplos são os verbos “to illustrate” (ilustrar), “to see” (ver), “to show” (mostrar) e “to represent” (representar), no sentido que a fotografia seria uma amostragem, uma demonstração, to note (observe bem). E ainda sobre legendas:

Conforme Godolphim (1995), a foto na antropologia deve ter o objetivo de captar uma situação etnográfica e sociológica. Precisa ser capaz de transmitir as peculiaridades dessa situação para uma terceira pessoa ou grupo e comunicar da melhor maneira possível a interpretação que o pesquisador pretende demonstrar. Ainda de acordo com Godolphim (1995), o acréscimo de uma legenda, ou de um texto à imagem não é a única maneira de compreender a interpretação proposta pelo pesquisador, a fotografia em si possui uma linguagem narrativa que une a imagem ao tempo ao exibir uma determinada disposição de elementos que a constituem. Por sua vez, a palavra materializada em legenda ao agregar-se a uma imagem, pode tanto delimitar a interpretação do receptor da fotografia como ampliar seus significados isolados criando uma relação de complementaridade (PIETROFORTE, 2010). (SOILO, 2012)

Assim, a segunda leva de fotos que escolhi para este capítulo mostram, ilustram, as socializações que não ficaram implícitas no primeiro momento das imagens, em que o foco estava no processo de montagem da composteira. Com mais imagens, pode-se perceber a demonstração de entendimento entre os presentes, em que conversam, fazem pausas juntos, tiram *selfies*, enfim, a sociabilidade do momento. Isso poderia estar descrito no primeiro capítulo, mas como escrever um texto requer escolhas, é preciso saber o que se quer mostrar com aquelas imagens e texto.



Fig. 31: Cíntia fazendo *selfie* com alunos da escola



Fig. 32: Momento de descanso e refrescamento entre trabalhos



Fig.33: Cíntia fotografando terreno usado para colocar a composteira



Fig. 34: Camila fazendo desenhos na caixa d'água que virará a composteira, juntamente com as crianças



Fig. 35: Cíntia fazendo desenhos na caixa d'água com as crianças



Fig. 36: Caixa d'água secando após ser pintada por várias mãos



Fig. 37: Garoto que fez várias pinturas nessa parede

Outro debate presente na questão das análises das imagens e também no pós campo é sobre o “estando lá” e o “estando aqui”. O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, ao analisar a escrita do trabalho de campo, lembra desses dois momentos

evidenciados por Geertz em *Vidas e Obras* (2005). Nele, Geertz define o “estando lá” como o estar em campo e o “estando aqui” que seria no seu gabinete, onde pode-se refletir com seus colegas universitários para a escrita dos textos (CARDOSO DE OLIVEIRA,1996). A mesma analogia pode ser feita sobre a utilização das fotografias, em que se verifica cada imagem e suas interações, e assim busca-se nas reflexões dos textos, nas conversas com os colegas e os possíveis usos para esse material.

Nesse momento “estando aqui” pude conferir como foi registrado toda movimentação em torno daquela composteira e no que foi focado cada imagem, cada detalhe. E por ser uma movimentação rápida, em que o olhar não conseguia acompanhar todos os detalhes, em alguns momentos meus colegas chamavam “vem cá fotografar isso”, “pode ser interessante”, ou “grava essa conversa”, “essa explicação”. Então, por se tratar de um vídeo ligado a um projeto, muitas vezes eram ouvidas, para além da minha percepção ou daquilo que eu acharia interessante. Se com meu caderno de campo pude descrever cada detalhe do processo, com as imagens pude conferir meus olhares da colaboração dos colegas também.



Fig.38: Momento que mostro para a menina como saíam as imagens. Imagem: Camila Garcia Iribarrem



Fig. 39: Momento captado pela colega Camila, onde fotografo Cíntia fazendo a horta. Imagem: Camila Garcia Iribarrem



Fig. 40: Entrevista realizada com o professor Edinho Imagem: Camila Garcia Iribarrem

3.5. EXTENSÃO /RESTITUIÇÃO

Por se tratar de um projeto de Extensão, existe uma demanda de que haja uma contrapartida para a comunidade. Além de fazer uma avaliação de tecnologia social, foi proposto de no produto final a realização de um material audiovisual tanto do campo em Florianópolis como da Oficina em Manaus. Pensando nas questões de *compartilhamento e restituição* estudados na Antropologia Visual, que foi construído o roteiro do vídeo a ser editado. Compartilhar envolve construir as imagens com os protagonistas e devolvê-las. Já a restituição segundo a antropóloga Carmen Rial, engloba o compartilhamento sem ele ser sinônimo, e no caso essa devolução pode ser feita não somente para esses protagonistas, como também em forma de entrevistas, artigos acadêmicos, palestras para público não acadêmico (RIAL, 2016)

Assim sendo, pensamos no roteiro do vídeo juntamente com Cíntia, que opinou sobre o que seria importante mostrar ou não. Durante a viagem conversamos com a equipe de Manaus e sugerimos fazer um banner com fotos da oficina, para que pendurassem na escola e divulgassem o trabalho realizado para a comunidade ausente. E foi feito um grupo de whatsapp para acompanhar o trabalho com a composteira, onde o professor Edinho envia fotos de como os alunos estão continuando o trabalho e esclarece dúvidas com Cíntia. Também nesse momento posterior à visita e instalação da composteira, as fotos tem tido um papel importante, mostrando, representando, permitindo que se veja, e especialmente, incrementando as trocas.



Fig. 41: Professor Edinho alimentando a composteira, foto enviada via whatsapp Dez. 2019



Fig. 42: Crianças observando a saída do líquido da comsposteira, imagem enviada Via whatsapp pelo professor Edinho, DEZ. 2019

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial desse trabalho; como visto no decorrer da monografia, muitos fatores se apresentaram para ser levados em consideração no que diz respeito ao uso da fotografia em trabalho de campo, seja na parte metodológica ou mesmo técnica. No entanto, como reflete o antropólogo Alberto Groisman:

“A imagem não é só objeto, representante legítimo de um apropriar-se, mas ela se converte em *experiência* e é incluída densamente no que estou chamando aqui de *processo*, ou seja, um desdobramento articulado de pensamento e ação que constrói e reconstrói num *continuum* uma experiência específica” (GROISMAN, 2006).

Após as reflexões em campo presentes nesse trabalho, poderia enumerar vários momentos onde percebe-se a conversão em experiência, pois para fazer imagens é necessário uma inserção em campo, uma familiaridade com a câmera, com aquilo que se pretende fotografar, com os usos que se pretende fazer das imagens, etc.

Então, posso destacar alguns pontos analisados:

- Técnico: A câmera a ser usada deve ser levada em consideração, assim como todos os artefatos necessários para que a imagem saia de acordo com o esperado. A escolha aparentemente apenas técnica de que se uma imagem será feita com a câmera na mão ou usando o tripé tem impacto tanto no formato do trabalho que resultará, assim como nas relações entre fotógrafa e os que são fotografados. E mesmo o manuseio da câmera pode se converter - se em uma *experiência*, pois aquela pessoa fotografada pode querer ver como ficou sua imagem, autorizando ou não a sua publicação, assim como as interações que se tem ao ser visto como a pessoa “com a câmera”. Ou seja, escolhas técnicas são escolhas epistemológicas.

- A boa distância: Há uma máxima na fotografia que diz que se uma foto não ficou boa é porque não se chegou suficientemente perto¹⁹. No entanto, antropólogos têm mostrado que uma imagem panorâmica pode falar muito sobre o local estudado, então é um registro interessante de se incorporar nas pesquisas. Planos gerais ou panorâmicos são boas entradas no campo, pois não implicam em contatos interpessoais,

¹⁹ “If your pictures are not good enough you are not close enough.” Robert Capa.

mais difíceis de serem estabelecidos rapidamente (ano, COLLIER JR; RIAL, 2012) e permitem que se localizem características gerais do lugar. Observar pequenos detalhes que a imagem capta e que pareceriam despercebidos ao olhar a primeira vista, sem o auxílio da imagem ajudam a que se possa analisar o local antes de uma entrada e de imagens mais próximas.

- Ética: Questões de ética sempre devem estar presentes, e isso para além da legislação que no Brasil opera de uma forma, e em alguns casos o pesquisador pode ser processado. De preferência sempre ter alguma autorização para realizar imagens, ainda que essa autorização não precise ser escrita. No caso de adultos, um simples consentimento pelo olhar pode ser suficiente para o antropólogo, ainda que por precaução seja interessante ter o consentimento informado por gravação da fala ou por escrito.
- Legendas: Elas articulam a informação com o texto, e sempre acabam acrescentando alguma informação além daquela imagem que é passada.
- Restituição: Por se tratar de uma pesquisa de extensão o fator restituição já havia sido pensando desde o início. Percebe-se que numa pesquisa etnográfica é um fator importante por considerar que o campo também interage com o pesquisador, portanto devolver os resultados da pesquisa para os pesquisados pode contribuir tanto para a construção da pesquisa em si como para posteriores, pois cria transparência daquilo que se está fazendo e mais credibilidade.

Enfim, por se tratar de uma etnografia fotográfica percebe-se que as questões se diferenciariam caso fosse uma cobertura jornalista, pois existe a diferenciação no fator “olhar”. Um antropólogo faz uso da fotografia de acordo com as análises que vai fazer em campo, na fotoetnografia “pode-se construir textos imagéticos a respeito da cultura do *outro*, fazer construções descritivas e narrativas,” (ACHUTTI, 1997). Já o jornalista tem olhar para detalhes que só ele busca para desenvolver sua matéria, sem considerar muitos atributos de interações sociais. O exercício aqui realizado dá razão a quem aponta a importância da imagem para nossas etnografias, pois na antropologia

A fim de compreender as interações do homem com o espaço no qual habita, a antropologia pode se utilizar de recursos imagéticos para alcançar diferentes perspectivas acerca de estudos sociais. A fotografia pode se apresentar de modo conjunto com o trabalho de campo produzindo sentidos que superam a perspectiva meramente imagética ou textual integrando significações. (SOILO, 2012)

Sem dúvida, imagens produzem sentidos para a pesquisa, para as análises e interações no campo.

5. ANEXO 1



Antropóloga em campo. Imagem: Camila Garcia Iribarrem

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo, 1997.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Olhar, ouvir, escrever. **Aula Inaugural**, p. 5-27, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978

CAIUBY NOVAES, Sylvia. 2013. “A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia”. *Iluminuras*, 13 (31):11-29.

CAMPOS, S.M.C.T.L. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6:275-286, 1996. .

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____ and Vera Ribeiro. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Editora UFRJ, 2002.

GROISMAN, Alberto. Fotografia e fotografar: paradigmas, artefatos e artifícios sociais e relacionais. In: LENZI, Lucia H. C. *et ali* (org). **Imagem: intervenção na pesquisa**. Florianópolis: EdUfsc, 2006.

LOPES, M. B.; NOGUEIRA, R. J. B. NASCIMENTO, L. R. C. Políticas sociais e aglomeração rural do Lago do Limão – Iranduba/AM. *Agenda Social*. V.5, no2, mai/ago / 2011, p. 24- 47.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PEREIRA, S. M; WIGGERS, R. Família e Gênero no Lago do Limão – Iranduba/AM. Relatório Final PIBIC/PAIC 2017-2018. Universidade Federal do Amazonas, 2018.

RIAL, Carmem Silvia de Moraes. (2016). Roubar a alma – ou as dificuldades da restituição. In: VAILATI, Alex, GODIO, Matias, RIAL, Carmen (org.). *Antropologia Audiovisual na Prática*. Florianópolis: Desterro, [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2016.

_____. . Contatos fotográficos: 2. Manezinho: de ofensa a troféu. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2001.

SAMAIN,E.1995. "'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia", *Horizontes Antropológicos*, n.2.

SOILO, Andressa Nunes. A Arte da Fotografia na Antropologia: o Uso de Imagens como Instrumentos de Pesquisa Social. Revista *Habitus*: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais-IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.73-80, Dezembro. Disponível em:< www.habitus.ifcs.ufrj.br >. Acesso em: 16 de nov. de 2015.